

# A vida secreta das palavras: colaborações de Michel Foucault para a historiografia

*Paulo R. Souto Maior Júnior*

Universidade Federal de Pernambuco  
Recife – Pernambuco – Brasil  
paulosoutom@gmail.com

*Janaína dos Santos Maia*

Universidade Federal de Campina Grande  
Campina Grande – Paraíba – Brasil  
janaina.maiasantos@gmail.com

*Regina Coelli Gomes Nascimento*

Universidade Federal de Campina Grande  
Campina Grande – Paraíba – Brasil  
reginacgn@gmail.com

---

**Resumo:** Este texto problematizará algumas colaborações do filósofo francês Michel Foucault para o exercício e reflexão do pensamento historiográfico. As vésperas do trigésimo aniversário de sua morte (1984) é importante discutir acerca das mudanças substanciais ocorridas nas teorias e metodologias da história depois dos estudos nas esferas do discurso, do poder, da sexualidade e das subjetividades. Trataremos aqui de refletir os caminhos abertos para a prática teórica e metodológica da pesquisa em história efetuando um diálogo a partir de Gilles Deleuze (2011; 2014) e outros autores nos seus escritos sobre Foucault.

**Palavras-chave:** Teoria e metodologia da história, Michel Foucault, Discursos

---

*A questão – ponderou Alice – é saber se o senhor  
pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.  
(Lewis Carroll)*

“Eu tinha muito mais necessidade dele do que ele de mim” (DELEUZE, 2010, p. 109). A frase parece um murmúrio. Convida a pensar em amizade, gratidão, reconhecimento, admiração. Deleuze, se reportando a Foucault, fala com verve e admiração. A teoria do amigo não somente o ensina, o atravessa, o fere, o corta, o faz

seguir e, assim, partindo de Foucault, bem como de outros teóricos, Deleuze desenvolve ideias como a sociedade de controle no mundo atual - não esqueçamos que Foucault havia estudado a sociedade disciplinar. Ora, no caminho inverso, Foucault parece nutrir uma boa relação com Deleuze ao colocar “um dia talvez o século será deleuziano” (DELEUZE, 2010, p. 115). Trata-se uma frase infinita aplicada quando se conhece alguém a fundo e não aplicada a qualquer colaboração teórica. Ainda que, como lembra Eribon (1996) na biografia de Foucault, os dois tenham passado quase toda a década de 1970 e até a morte de Foucault distantes, a relação parece ter sido amistosa devido aos textos de Foucault comentados por Deleuze e do prefácio de Foucault ao *O Anti-Édipo: uma introdução à vida não-facista* (1977).

O texto de Gilles Deleuze sobre Foucault nos convida a pensar duas vidas. A daquele que escreve e a do outro que o toma como objeto da escritura. Deleuze e Foucault nasceram numa mesma estação. O primeiro no inverno que se ia naquele 1925 em uma Paris mais recuperada da Primeira Guerra Mundial; o segundo na mesma cidade, começo do inverno do ano seguinte. Deleuze se formou em Filosofia pela Sorbone de onde mais tarde se tornou professor. Publicou uma série de livros e parte considerável de seus trabalhos foi feito a quatro mãos com Félix Guattari. As vidas - não só pessoal, como também intelectual - desses dois filósofos estão muito ligadas e não foi por acaso que François Dosse (2010) publicou uma biografia inter cruzada entre os dois autores<sup>2</sup>.

Foucault concentrou seus estudos basicamente no discurso enquanto metodologia de pesquisa, mas o que vemos é que seu pensamento é infinito, ultrapassa a história com um feixe de luz impactante e atinge as demais áreas das humanidades. Formado em Psicologia, Foucault fez o doutorado em Filosofia com a publicação de duas teses, *A história da loucura*, orientada por Georges Canguillem e *Antropologia do ponto de vista pragmático de Kant*, cuja orientação foi feita por Jean Hyppollite. Trabalhou em várias universidades chegando a ocupar uma cátedra no Collège de France onde trabalhou de 1970 a 1984, ano de sua morte.

A leitura que Deleuze realiza da obra de Foucault o fará dividi-la em três momentos, qual seja, a arqueologia, a genealogia e a subjetividade; ou para usar a expressão do filósofo: o que posso saber, o que posso fazer, quem sou eu. Respectivamente, esses cortes se referem à publicação dos livros de Foucault

---

<sup>1</sup> Este prefácio saiu apenas na edição americana, lançada em 1977. Posteriormente foi lançado também em FOUCAULT, M. Dits et Écrits. Volume III (1976-1979). Paris: Galimard, 1994.

<sup>2</sup> Para mais informações, consultar: DOSSE, François. Gilles Deleuze e Felix Guattari: Biografia Cruzada. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

contornando o modelo do pensamento e diagnosticando as etapas sucessivas, as modificações, as colaborações e, sobretudo, a maneira com a qual lida com o passado, sempre visando um diagnóstico da própria atualidade. Daí porque elaboramos neste texto que a relação de Foucault com a história se dá por meio de palavras, das múltiplas configurações existentes desde que se tecem enunciados até o momento da sua construção como regimes de verdade.

A divisão deleuzeana mencionada anteriormente tem suas razões. Esse partilhamento foi elaborado igualmente por Alfredo Veiga-Neto no livro introdutório *Foucault & a educação* (2005). Já no sumário é possível diagnosticar capítulos com os títulos: ser saber, ser poder, ser-consigo. Apesar da divisão, Veiga-Neto reconhece a dificuldade de sistematizar o pensamento de Foucault em áreas separadas sugerindo uma conexão de alguns elementos entre os três domínios. Tal crítica foi desenvolvida também por Rosa Maria Buenos Fischer (2013), em *Foucault, arqueologia de uma paixão*, por considerar que os três “Foucaults” não se separam em nenhum momento e a principal preocupação de toda a obra do filósofo teria sido com o sujeito. Devemos, portanto, compreender de que fala essa separação para, posteriormente, adentrarmos na análise.

O domínio do saber compreende a primeira fase do pensamento de Michel Foucault. O saber, fase conhecida também por arqueologia, consiste em atentar para como dados enunciados formam e instituem políticas de verdade. Equivale dizer que os discursos não são neutros, mas, em vez disso, carregados de uma significação e intencionalidade por aqueles que o formulam. Tal discussão começava a ser formulada nos anos 1960 (ERIBON, 1996) e criava uma cisão com o que se tinha até o momento em termos de metodologia da pesquisa em história ao deixar de privilegiar uma simples narrativa dos eventos substituindo-a para de que modo saberes e práticas se constituem; alertava por outra forma de “tratar” as fontes. Invertia-se o olhar, os documentos do passado deixavam de ser “voz” de um passado e Foucault passou a tomá-los discutindo de que modo tais discursos emergiram e refletindo como a produção de discursos na sociedade é controlada instituindo saberes e verdades, isto é, as sociedades permitem o que pode e o que não pode ser produzido, mas, no mesmo caminho, atribuem lugares de exclusão e interdição a outros enunciados.

Assim Foucault instituía na esfera da história a descontinuidade, aquilo que interrompe algo contínuo, porque alertava para possibilidades diversas com o uso das palavras que estão a todo momento sugerindo novos sentidos, novas significações, novos modelos de conduta conforme defende no livro *A arqueologia do saber*,

característico do primeiro momento do seu pensamento<sup>3</sup>. Neste “manual” é importante considerar a diferença entre práticas discursivas ou enunciados e outras não-discursivas ou de meios. Os dois campos são heterogêneos e a prática desta teoria estaria especialmente nas abordagens em torno do poder.

O poder é a segunda fase do pensamento de Foucault, que é mais conhecido pelos livros publicados nesse momento do que nas produções que antecedem ou sucedem a publicação de *Vigiar e Punir* e *A vontade de saber*, primeiro volume da História da Sexualidade. Nesses livros é desenvolvida uma analítica do poder na modernidade através de mecanismos criados por instituições disciplinares em regular e controlar o comportamento dos indivíduos. Isto se encontra atrelado a uma política que emerge na modernidade relacionada ao fazer viver, ou seja, o Estado, antes preocupado em excluir vidas pouco adequadas à utilidade da sociedade, fabrica a vida, corrige e adentra os corpos. É nesse momento, por exemplo, que o homossexual passa a ser objeto do discurso médico com vias à cura e reenquadramento na sociedade.

Talvez uma das novidades mais urgentes desse estudo é o rompimento com uma noção de poder conhecida até o momento. Não mais uma verticalização, mas sim uma horizontalização porque ele se distribui por toda a sociedade, de várias maneiras, se valendo de diversificados mecanismos e sempre se tratando de operar por relações. Trata-se, sem dúvida, de relações de um poder que se exerce e das maneiras utilizadas pela sociedade para resistir a esse poder, “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 2010).

Jamais concluído, o terceiro campo de reflexão foucaultiana se constituiu no estudo dos escritores da Antiguidade Clássica. Nesse momento, Foucault se debruça em Platão, Aristóteles, Epicuro, Sêneca e vários filósofos a fim de perceber como o sujeito na antiguidade se preocupava com a criação da própria vida enquanto obra de arte em um processo conhecido por estéticas da existência, estilística ou ainda arte da existência, marcado por uma preocupação consigo mesmo e com os outros para daí poder operar na construção de mundos melhores.

Ao escrever essas pesquisas, Foucault já estava com AIDS, a imprensa ocidental declarou uma guerra aos homossexuais, considerados culpados pela doença que nos anos 1980 foi divulgada como câncer gay, encontrava-se debilitado e, talvez, soubesse que o seu fim estava próximo. Ainda assim, trabalhou arduamente na tradução dos filósofos e estudos dos textos. Quase toda noite, no começo dos anos 1980, ligava para

---

<sup>3</sup> As *palavras e as coisas* também é um livro que figura nessa fase do pensamento foucaultiano. Nele, é traçado um estudo sobre o surgimento das ciências no século XIX.

Paul Veyne com propósitos de checar traduções, argumentos, leituras. O produto de todo esse esforço resultou na publicação no segundo e terceiro volume da História da Sexualidade, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*.

É importante destacar que há uma ruptura no projeto da *História da Sexualidade*. O objetivo de Foucault jamais foi enumerar práticas de sexualidade, mas sim fazer uma arqueologia dos discursos sobre o desejo no Ocidente. Ocorre que após a publicação de *A vontade de saber* e a formulação, nessa obra, da hipótese repressiva<sup>4</sup>, Foucault percebeu que analisar a sexualidade como experiência<sup>5</sup> singular era também estudar os três eixos que a constituem: os sistemas de poder que regulam suas práticas; as formas pelas quais os indivíduos podem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade; a construção dos saberes que a ela se referem. Dessa forma, o estudo permite analisar as próprias maneiras da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações. Ele pretende mostrar de que maneira, na Antiguidade, a atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através de práticas de si, pondo em jogo os critérios de uma “estética da existência”.

Seja em que dimensão for, a preocupação de Foucault se detinha em pensar no caráter (trans)formador das palavras, nos vértices que ela aponta, nas arestas que constituem, nas tintas que a colore para gerir algo ou modificar as mais diferentes realidades. Acreditamos, a partir do filósofo, que as palavras são mudas. E múltiplas. Elas estão ao mesmo tempo em algum lugar e em lugar nenhum. Transgredir e se metamorfosear são seus eixos. Não apontam para nenhuma geografia. Percorre diversas cartografias. Sugerem. Formulam. (Des)informam. Palavras são como a correnteza, se agitam, mudam rotas, determinam destinos, leva ao naufrágio e ao porto de chegada. Mas logo elas partem novamente, se vão; *ir* é o verbo principal das palavras. Então, a arqueologia de Michel Foucault encontra a razão de ser com as palavras. Discursos são formulados e, em seguida, cortados levando em consideração as palavras do visível que na mesa cirúrgica da história serão abertas, sofrerão secção, terão o interior investigado a fim de que uma descontinuidade, uma ruptura, uma possibilidade, uma inquietação possa vir à tona.

Não por acaso no texto *Os estratos ou formações históricas; o visível e o enunciável (saber)*, Deleuze objetiva descrever e analisar as formas pela qual Foucault produziu

---

<sup>4</sup>Foucault mostra como durante a modernidade o Ocidente não reprimiu o sexo, não o colocou no lugar de segredo como comumente se dizia sob a roupagem da hipótese repressiva. Nos seus estudos observou que houve nesse momento uma proliferação dos discursos sobre a sexualidade em vários campos de saber.

<sup>5</sup>Experiência em Foucault é a correlação entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade

métodos e formulações acerca do trato com os discursos. Este movimento ao ser trazido para a história cria um lugar de destaque por permitir questionamentos diferentes na relação – nunca fácil! – com o documento incrementando novas discussões entre a história e uma prática arqueológica não necessariamente voltada para o passado, mas questionadora do presente no trato de pensar problemas do mundo presente.

Uma das abordagens da história que ganhou inúmero adeptos no Brasil a partir da tradução dos livros de Foucault consiste em vê-la inserida em um campo de guerra, permeada por relações de saber e poder e preocupada com a atualidade que nos atravessa. Isto é, a história parte do presente. Sua colocação é o agora e por isso mesmo a função dela é política por excelência. Alertada por avanços em campos como a história serial, do imaginário, oral, dentre outros a história quer pensar o acontecimento, sua esfera discursiva para então ancorar no descontínuo, no que se modifica. Eis onde reside o foco e, por isso, agora, lançaremos mão de Deleuze a fim de compreender como se efetua o trabalho foucaultiano com as palavras.

Ao refletir as peculiaridades dos enunciados, Deleuze se remete ao campo de dizibilidade e visibilidade das palavras e, com isso, realiza observações de demanda metodológica ao dizer que uma época não precede os enunciados que a expressam, nem as visibilidades que a preenchem. Diz com isso que um momento histórico se constitui por enunciados. Se no título do texto de Deleuze (2011) sobre enunciados, *Os estratos ou formações históricas: o visível e o enunciável (saber)os estratos “ou” formações históricas*, logo na primeira linha do texto o “ou” é substituído por um verbo de ligação, *os estratos são formações históricas, positivities ou empiricidades*. Formações históricas porque se inserem numa relação sobretudo espaço-temporal, positividade pois constrói, formula, molda, inventa algo e empiricidade pois estão relacionados as formas de conhecimento.

O que Deleuze faz é sintonizar conceitos de Foucault com o campo da história<sup>6</sup>. A apropriação do pensamento de Foucault por historiadores modificou o exercício de pesquisa e a variação de temas na história<sup>7</sup>. Neste sentido, a exploração de conceitos parece ser um passo importante na consolidação de estudos acerca de objetos e indagações do passado até então impensáveis. Há uma razão particular no texto de Deleuze sobre os enunciados não negligenciável. Isto ocorre porque ele executa não

---

<sup>6</sup> Sobre a análise feita por Deleuze dos filósofos ver: MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

<sup>7</sup> Os primeiros usos de Foucault na área da história no Brasil podem ser vistos em: RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temporal/site/images/stories/edicoes/v0712/efeito.pdf>. Acessado em 12 de setembro de 2013

somente uma meditação sobre os enunciados, mas porque neste movimento pensa a relação das palavras com a história executadas por um filósofo inquieto e de faro aguçado para diversas áreas do conhecimento.

De modo geral, o escrito de Deleuze sinaliza para a necessidade de realizar outras formas e abordagens *de* e *em* história. De acordo com ele, a reflexão sobre os enunciados tira o foco do óbvio e do evidente mostrando a história como uma constante luta, como uma guerra. O manusear das palavras recebe uma nova imagem porque a relação estruturalista *significado – significante* é quebrada de modo que o significado pode estar relacionado a outros significados numa rede sem fim<sup>8</sup>.

Os enunciados são, antes de tudo, palavras que compõem textos os quais são sempre o motor da história. O artigo de Deleuze funciona como um manual de conselhos ao historiador, este artista das temporalidades das palavras. O historiador pode se assustar com as armadilhas das palavras, com o trabalho cansativo e estimulante de escavar os enunciados que não devem ser apenas acolhidos, mas submetidos ao corte, à investigação. Às ranhuras dos enunciados é preciso agir com um olhar paciente e atento para que novas vidas possam ser descobertas no passado e, ainda mais urgente, outras tantas salvas no presente

Em um mundo que tramou a história por muito tempo como a narrativa da voz dos documentos, os estudos de Foucault, analisados por Deleuze, mostram outro caminho. Ocorre que nas fontes, as palavras diziam, simplesmente. Hoje, pelo contrário, as fontes são mudas e por consequência as palavras. O texto convida a isso, a entender que as palavras não se fazem pela voz nem pela escritura, mas pelos gestos, pela visualização daquele que a olha, pela poeira assoprada ou não a fim de elaborar algum questionamento.

As palavras obedecem a duas razões: discursividades e evidências, o dizer e o ver. Os enunciados se dão por essa relação de palavras. Quanto a isso é preciso entender, propõe Deleuze, que a história em Foucault é o estudo da relação palavresca, dos “visíveis e enunciáveis” de uma época; o que foi realizado por uma maneira filosófica de indagar sintonizada com novos desenvolvimentos na história – a influência de Phillipe Àries em Foucault é bastante conhecida.

É fundamental observar que nada precede às palavras; o campo do visível e do enunciável no qual elas se exercem é próprio para cada formação histórica. As palavras formam o saber que transformam, constroem, inventam. Elas não se separam da sua

---

<sup>8</sup>Sobre essa relação verificar estudos de: DERRIDA, Jacques. Gramatologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

historicidade, dos valores a qual é contemporânea, se distribui em vários espaços, ocupam e preenchem espaços em brancos e transformam outros espaços já marcados por crivos de escritos anteriores. “O saber é um agenciamento prático, um ‘dispositivo’ de enunciado e de visibilidades”, pontua Deleuze (2008).

Opera-se aí o dever dos historiadores. O que fazemos com um dispositivo? Investigamos. Dispositivos se constituem por palavras. É preciso, então, quebrá-los, rachá-los, esmigalhá-los e atentar para as especificidades. Deleuze argumenta que isto implica na relação estabelecida com os enunciados que não estão visíveis nem invisíveis. Estão, usando a palavra do autor, disfarçados; e as condições que o determinam, a historicidade que os atravessam são possibilidades de checar este disfarce porque é nele que ideias se constroem.

Simultaneamente, as palavras não possuem uma autoria no sentido comum associado à historiografia. Trata-se de um movimento que coloca em consideração a morte do autor, título de um texto escrito pelo filósofo em fins dos anos 1960, e a crítica de uma historiografia tradicional ou até mesmo de filiações teóricas com objetivos no apego ao documento enquanto instituidores de um discurso verdadeiro. (GINZBURG, 2009). Não é viável analisar a existência das palavras sem refletirmos a questão do “autor”.

“O autor está morto”, a frase é impactante e tem muito de Foucault. Ele, dizem os mais próximos, adorava chocar o que estava dado e posto, naturalizado como costumava se referir (ERIBON, 1996). Se o autor está morto se deve pensar que nem sempre ele esteve nesta função, ou melhor, nem sempre ela existiu. Quando os discursos se relacionaram com a prática da punição e da transgressão o autor veio à tona. Considerando o caso da Antiguidade, os contos, as tragédias, as narrativas não tinham como problema o anonimato, ainda mais se fosse um texto antigo. Por outro lado, com o passar dos tempos, os textos de caráter científico deveriam conter o nome do autor.

Foucault convida a pensar, desse modo, a escrita como exterioridade e a relação dela com a morte. Há um espaço vazio da escrita que já não é novidade, mas o que importa é localizar e trabalhar a escrita, que é, inclusive, uma lacuna. Por quê?

Nesse espaço de discussão é válido distinguir o indivíduo de sua função, isto é, não se trata de pensar o escritor e o livro, mas sim escritor e autor. Simultaneamente, Foucault questiona quando e como um escritor se torna autor e a partir de que momento um texto passa a compor uma obra. Foucault esclarece o quão difícil é essa distinção pois o ato da criação do autor pode ocorrer de diversas formas dependendo do

porquê foi escrito, atendendo a um interesse pessoal, coletivo ou editorial. É preciso atentar para essa operação a fim de entender a existência dos discursos na sociedade.

Foucault faz uso de um termo fundamental na reflexão da autoria, a *função-autor*. Trata-se de um termo não muito aceito nos discursos científicos – inclusive o texto ensina que os textos científicos do século XVIII adquirem vitalidade por demonstrar algo de verdadeiro. Este termo possui maior relação com os discursos literários e expressa não simplesmente um criador para um texto, mas pode caracterizar uma estratégia pela qual o discurso funciona.

Como definir a obra de um autor que morreu? Foucault pergunta por que sabe que ele, o autor, deixou rastros. Antes disso, questiona o que define uma obra, o que a constitui e delimita a sua credibilidade. Dentre inúmeros questionamentos, pode-se dizer que a palavra “obra” é tão problemática quanto a individualidade do autor. Nesse sentido Foucault vai pensar também a escrita. Não se deve dar a ela o estatuto originário, igualmente não se deve focar no gesto de escrever, nem no signo. Deve-se pensar o que está circunscrevendo o texto, movimento executado pelo historiador Antônio Montenegro (2010) no olhar metodológico do “que se passa entre”<sup>9</sup>.

É oportuno considerar ainda que o nome do autor não é somente um componente do discurso, mas exerce um papel nesse que pode ser de função classificatória e permite delimitar, excluir, contrapor textos. Se os textos têm uma mesma autoria, é possível haver entre eles certa homogeneidade e certa filiação; o nome do autor acaba por atribuir um significado especial ao texto que pode ser uma característica do modo de ser do discurso.

Porém, os discursos se infiltram em uma teia discursiva eminentemente estratégica que constitui os dispositivos, como mencionado acima. Daí porque em Foucault não existe simplesmente estudos de sexualidade, de poder, de loucura, mas, em vez disso, dispositivo de sexualidade, dispositivo de poder, dispositivo de loucura. Os dispositivos são as palavras em ação, é o momento em que elas, no conjunto do que designam, se metamorfoseiam em alguma coisa e podem com isso interferir na sociedade. Foucault (2010, p. 246) explica o termo: “o dispositivo, portanto, está sempre inscrito em configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles”.

---

<sup>9</sup>Para saber mais consulte: MONTENEGRO, Antônio Torres. História, metodologia, memória. São Paulo: Editora Contexto, 2010

As palavras se constituem enquanto estratégias e mecanismos na sociedade através das relações de poder, dos mecanismos pelos quais o poder se arma para atingir diversas cartografias da sociedade, mas também com a capacidade de subjetivação dos sujeitos, afinal, conforme lembra Halperin (1995), o poder é uma relação que pressupõe mais de um campo, ou seja, a resistência.

Deleuze via no Foucault estudioso do poder, um cartógrafo – leitura baseada na obra *Vigiar e Punir*. Por várias razões este é o livro mais “histórico” de Foucault. Lá fica claro que, embora não seja historiador de formação, ele arquiteta a história como a maioria dos profissionais da área ainda não tinham se permitido fazer. Ao considerar este livro, Deleuze realiza outras observações pertinentes com relação ao campo do poder. O poder não ocorre por ideologia. Do mesmo modo, não ocorre pela violência ou repressão porque ele é o efeito das forças que atuam nestas categorias, o efeito da força sobre um objeto.

Outra inversão de Foucault ao frequente modo da lei se dá na relação com os ilegalismos. Para isso questiona a lei, a qual não pode ser relacionada à paz, nem para evitar, nem para finalizar um conflito. Uma lei é simultaneamente a guerra e a estratégia (DELEUZE, 1998). Na sua reflexão do estado, Foucault propõe novas possibilidades de refleti-lo e abordá-lo. O que explica, pelo menos em partes, que seu texto, precisa Deleuze, é tocado por uma questão típica da fase genealógica: que fazer? Com isso propõe uma nova organização estratégica dos discursos.

É válida a mirada teórica deleuziana com relação ao estudo dos objetos em *Vigiar e Punir*. Por exemplo, consideremos uma palavra: prisão. Ela não remete ao que seria um significante do seu significado. Ela vai remeter para uma série de palavras e significados relacionados ao termo prisão. É uma formação de enunciados que Deleuze chamou de *formas de expressão*.

Lançar mão de *Vigiar e Punir* é, aos olhos deleuzianos, uma transmutação do foco no poder. Vale frisar que as reflexões que operam nesse livro, é possível crer, não tivesse se desenvolvido se não fosse a participação de Foucault no GIP (Groupe Information Prisons). Ocorre que ele estranha as condições das prisões e parte para um território de lutas e intrigas na Europa Moderna. Neste “manual”, é importante considerar a diferença entre práticas discursivas ou enunciados e outras não-discursivas ou de meios. Os dois campos são heterogêneos e a prática desta teoria estaria especialmente nas abordagens em torno do poder.

O poder passa a ser analisado por outros lugares que não um espaço de origens de onde emanaria de um grupo superior na sociedade sobre outro. Não, o foco não é

esse. Deleuze lembra que há muito a concepção moderna do poder inquietava Foucault e ele desejava estudá-lo e anunciá-lo de outro modo. Em *Vigiar e Punir* o movimento de explicação dos mecanismos de poder ocorre um tanto resumidamente sendo melhor descrito posteriormente na publicação de *A vontade de saber*.

Outra questão tratada por Foucault e pensada por Deleuze é a noção de diagrama em *Vigiar e Punir*. Ora, no momento que Foucault está estudando as rupturas e descontinuidades do poder de punir, ele está operando através de um diagrama. Saber e poder compõem o exercício punitivo, mas também o corpo e, a partir de então, temos os atores do diagrama-disciplina que é responsável pela vigilância e controle dos corpos.

Nos diagnósticos do poder operados por Foucault, percebe-se que está mais para uma estratégia e não deve ser visto como propriedade de ninguém. Ele não está em inércia em um espaço tempo lançando suas garras, ele se movimenta em distintos lugares. O poder é ardiloso nas suas técnicas e estratégias de operação. Deve-se esclarecer, no entanto, que não há uma negação do poder em temáticas aos quais ele foi muito relacionado, como as lutas e as classes. O que importa é que o foco pelo qual se desenvolve a análise se metamorfoseou.

Em *Vigiar e Punir* o foco no poder esclarece que as sociedades modernas eram sociedades disciplinares. Então, se faz necessário compreender o que seria disciplina, de que modo palavras a constituem: nem é instituição, nem é aparelho; é um tipo de poder que liga, que conecta, faz convergir de forma que as tecnologias apareçam de um modo novo (DELUZE, 1998). Além do mais, não há uma localização particular para o poder devido à própria palavra local ter sentidos diferentes. Ora se refere ao global, ora não é localizável posto que difuso. Isto porque o poder é operatório pois a própria expressão “relações de poder”, insistimos, significa que há mais de um sistema em evidência.

Por operar através do saber, o poder passa a ser entendido como o cruzamento entre o visível e o enunciável. É o que Deleuze mostra atribuindo valor às minúcias e às coisas pequenas, enxergando os espaços entre as palavras, lançando mão de Foucault e fazendo de um livro uma dobra, do exterior ao interior e simultaneamente visualizando o que parece sem valor, semelhante à poesia de Manoel de Barros (2010, p. 47) quando pincela: “dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes”.

Da mesma forma, Foucault nos incita a fazer este mesmo movimento feito por Barros ao exercermos a prática da pesquisa histórica. Em seus escritos não é raro perceber a preocupação em relação ao fato de as pesquisas, tanto no âmbito da história,

quanto em outras áreas das ciências humanas, estarem fundamentando seus estudos na busca da origem de um dado acontecimento com a pretensão de encontrar as respostas para os seus questionamentos em sua forma elementar, completa e inquestionável. Tais preocupações serviram de incentivo para que este viesse a público com o texto *Nietzsche, a Genealogia e a História*, com o objetivo de nos alertar a respeito dos erros de se elaborar o estudo histórico baseando-se na possibilidade de se encontrar a verdadeira origem dos fatos.

Para este a genealogia da história estaria entre “pergaminhos embaralhados, rabiscados, várias vezes reescritos” (FOUCAULT, 2012, p.55). Dessa forma seria uma tarefa impossível detectar onde, como, e de quais formas um acontecimento histórico se originou, pois em vários casos, tais respostas se encontram em diferentes lugares e em distintas documentações, daí a necessidade de espreitarmos em todos os espaços, sejam estes confortáveis ou inóspitos, já que, como salienta o autor, a singularidade da história estaria no fato dela ter a capacidade e emergir de onde menos se espera. Do mesmo modo, passaria a ser necessário nos voltarmos contra o fazer histórico que prioriza a totalidade e a sucessão linear da história, uma vez que, para Foucault o “Nietzsche genealogista”, modelo no qual se espelha, foi um grande defensor da ideia de que, ao invés de se recolher a essência exata e perfeita da origem de um dado fenômeno histórico, o historiador deveria, ao contrário, ir em busca das imperfeições e dos terrenos acidentados com o objetivo de ter o conhecimento das peripécias históricas, da qual muitas vezes nos esquecemos pelo fato de estarmos focados em encontrar uma verdade unilateral.

Por este e por outros motivos, foi que Margareth Rago (2002) em seu texto *Libertar a História*, nos fala de Foucault como esta personalidade libertadora, que foi capaz de defender a história de maneira escancarada, tendo ao mesmo tempo coragem suficiente de ir ao encontro dos velhos modelos positivistas de estudo desta ciência. Segundo Rago, este filósofo foi revolucionário de tal maneira, que até os dias de hoje o seu nome não pode deixar de ser citado quando o assunto gira em torno das maneiras inovadoras de se fazer a história.

Ao questionar as ações normativas que regem os comportamentos da sociedade ocidental, Foucault foi capaz de ampliar de forma significativa as perspectivas da análise histórica no momento em que nos deu a possibilidade de analisarmos os elementos sociais, como por exemplo, o poder e a disciplina, antes vistos como fatores naturais, e enxergarmos que por trás de ações naturalizadas se encontra uma

construção social, nos fazendo perceber que o bom historiador seria aquele que não naturaliza os acontecimentos, mas sim os questiona.

Mais uma vez a palavra ganha destaque nesta discussão, quando Foucault atribui poder e saber à voz do historiador no momento em que este procura fazer uma aproximação entre o nós do presente com aquele que está no passado. Para o autor o historiador deve utilizar o poder da sua palavra para interrogar o presente e também duvidar do passado além de não utilizar a história como um meio legítimo de trazer uma verdade sobre o que se passou, correndo o sério risco de que esta verdade ao final seja inexistente.

Há outra dimensão das palavras, elas constituem escrita, fazem existir um discurso sobre o passado, são o que resta daquilo que já é resto, os pedaços do passado que nos chegam em forma de palavras a fim de que façamos com elas novas palavras operando um palavrarear constante do mundo. Não sem razão, Ricoeur (2010) propôs que a história é texto do começo ao fim.

Se a metodologia de Foucault inovou no campo da historiografia, o mesmo pode ser dito de sua escrita forte, combativa, cheia de imagens, pragmática quando necessária mas sobretudo cortante; escrita elaborada que rasga a nossa atualidade e abala a forma do historiador contar suas histórias. A esse respeito Paul Veyne (2011, p. 31) pincelou: “o progresso metodológico em que consiste a escrita histórica de Foucault é igualmente um avanço da arte que é também a história”.

Foucault acreditava numa função-escrita de produzir novos mundos. Quando da elaboração de *A história da loucura*, seu orientador, Georges Canguilhem, surpreso com a análise trazida nas páginas bem como o estilo inconfundível de escrita, convida amigos e colegas universitários para assistir a defesa do texto. Eribon (1996) alerta que após esta defesa o nome de Michel Foucault começa a circular nos meios acadêmicos. Quando passava pelos corredores, transeuntes cochichavam: “é Foucault; veja, é ele”.

Em uma entrevista que concedeu a Roger Pol-Droit (2006) é perguntado sobre sua escrita, sobretudo porque é lido também pelo prazer apesar de não se considerar escritor. Ao passo que Foucault responde:

A escrita não é nada mais que isto. Ela deve servir ao livro. Não é o livro que serve a esta grande entidade, tão sacralizada hoje, que seria “a escrita”. (...) É também necessário, (...), que o livro proporcione prazer àqueles que o leem. Isto me parece ser o dever elementar de quem libera este tipo de mercadoria ou este objeto artesanal: é necessário que possa agradar! (POL-DROIT, 2006, p. 77, 78).

Com isso é preciso discutir e fazer pensar uma escrita voltada para os pares (CERTEAU, 2010). Seria demasiado egoísta escrever somente para os membros da academia. A ação da escrita será tanto maior à medida que se alargue a possibilidade de ser lida – e lida por um público não necessariamente acadêmico. Talvez, por isso, os escritores da história e das ciências humanas de modo geral, ao dissertar sobre algo eminentemente sensível como é o humano, aliviasse um pouco a mão e fosse menos técnico conforme faz Foucault segundo as análises de Paul Veyne (2010).

Para Foucault (apud POL-DROIT, 2010, p. 78):

Que achados ou astúcias de estilo proporcionem prazer àquele que escreve e àquele que lê, eu acho isso muito bom. Não há nenhuma razão para que eu me recuse este prazer, do mesmo modo como não há nenhuma razão para que eu imponha tédio às pessoas que desejo que leiam meu livro. Trata-se de conseguir algo absolutamente transparente no que diz respeito àquilo que é dito, porém, com uma espécie de superfície cambiante, que proporcione ao acariciar o texto, ao utilizá-lo, ao pensar nele novamente, ao retomá-lo. Esta é a minha moral do livro.

Essa posição vai de encontro ao rápido sucesso que os livros de Foucault ganharam no mercado editorial francês sendo logo traduzidos para diversas partes do mundo. Em 1966, por exemplo, foi publicado *As palavras e as coisas* que em pouco tempo se esgotou exigindo uma nova tiragem. “Ele tinha um pé nos três núcleos da inteligência, na França, na universidade e nos meios jornalísticos e editoriais”, lembra Paul Veyne que recorda igualmente o zelo de Foucault enquanto professor, cargo ocupado desde muito cedo e com a proeza de nunca ter faltado uma aula; uma das suas grandes preocupações eram os seminários no Collège de France.

A vida de Foucault pode ser lida nos seus livros. Era tecida paralelamente à produção dos livros e as páginas já rabiscadas não serviam mais para Foucault porque, segundo pontuou, quando as pronuncia, já as esquece porque o foco se torna o que ainda pode ser escrito, quais associações de palavras são possíveis a fim de modificar a si próprio. Certa vez declarou que escrevia para mudar a si mesmo.

Por fim, pretendemos com este texto refletir como o pensamento de Foucault vive e está presente nas discussões em história. Incontestavelmente, na iminência do trigésimo aniversário de sua morte (1984-2014), as suas palavras nos tocam, nos sensibilizam, mostram o que fomos e apontam na direção do que podemos diferir. Estudar esse filósofo é, sem dúvida, desler as palavras, suas nuances e arestas com o propósito de (des)inventar o passado num movimento já realizado no Brasil e que não cessará tão cedo.

---

## THE SECRET LIFE OF WORDS: COLLABORATION OF MICHEL FOUCAULT TO THE HISTORIOGRAPHY

**Abstract:** This article discuss some collaboration of the French philosopher Michel Foucault for exercise and reflection of the historiographical thought. On the eve of the thirtieth anniversary of his death (1984) is ponderous discuss about substantial changes in the theories and methodologies about historiography after the studies in the spheres of discourse, power, sexuality and subjectivities. Discussed here reflect the paths open to theoretical and methodological research practice in making history a dialogue from Gilles Deleuze and other authors in his writings about Foucault.

**Keywords:** Theory and methodology of history, Michel Foucault, Speeches.

---

## Referências

BARROS, Manoel. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Volume I – Artes do Fazer. Petrópolis: Vozes, 2010.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Braziliense, 2011.

\_\_\_\_\_. Conversações. São Paulo: Editora 34, 2014

\_\_\_\_\_; GUATARRI, Félix. O Anti-Édipo. Nova York: Viking Press, 1977.

ERIBON, Didier. Michel Foucault uma Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010a.

\_\_\_\_\_. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a

\_\_\_\_\_. A Ordem do Discurso. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1976. São Paulo: Edições Loyola, 2012b.

\_\_\_\_\_. Estética – Literatura e pintura, música e cinema. Coleção Ditos& Escritos, v. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 2010b.

GALLO, Silvio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

HALPERIN, David M. Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography. New York: Oxford University Press, 1995.

MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2010

MONTEGRO, Antônio Torres. História, metodologia, memória. São Paulo: Editora Contexto, 2010

ORTEGA, Francisco. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

POL-DROIT. Roger. Michel Foucault, entrevistas. São Paulo: Editora Graal, 2006.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. Tempo Social; Revista Tempo social. USP, São Paulo, nº: 7, p. 67-82. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0712/efeito.pdf>. Acessado em 12 de setembro de 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a educação. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2007.

VEYNE, Paul. Foucault: Seu Pensamento, Sua Pessoa. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.

---

#### SOBRE OS AUTORES

**Paulo Roberto Souto Maior Júnior** é mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

**Janaína dos Santos Maia** é graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

**Regina Coelli Gomes Nascimento** é doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, docente da Universidade Federal de Campina Grande.

---

Recebido em 02/03/2014

Aceito em 07/06/2014